

A PERCEPÇÃO DO ENFERMEIRO FRENTE A ABORDAGEM FAMILIAR NO PROCESSO DE DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

Margareth Cordeiro Gonzaga¹, Gisele Cristina Freitas de Lima Barreto², Thárcis
Rocha de Oliveira³, Patrícia Bossolani Charlo⁴

¹Acadêmica do Curso de Enfermagem, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR.
margacgonzaga@gmail.com

²Acadêmica do Curso de Enfermagem, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. gizalbarreto@gmail.com

³Acadêmico do Curso de Enfermagem, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR.
tarcis.unicesumar@gmail.com

⁴Docente, Mestre do Curso de Enfermagem, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR.
patricia.charlo@unicesumar.edu.br

RESUMO

O objetivo do presente estudo é compreender a percepção dos enfermeiros atuantes na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) frente ao paciente com diagnóstico de morte encefálica como potencial doador de órgãos e a assistência na abordagem familiar. Com esse propósito foi realizada uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa com cinco enfermeiros atuantes na UTI de um hospital público localizado no noroeste do Paraná. Foram aplicados um guia de questões semiestruturado abordando dados sociodemográficos, conhecimentos específicos e questões relativas à abordagem familiar. O material coletado durante as entrevistas foi gravado e transcrito na íntegra. Com intuito de compreender os dados coletados foi utilizado o método de análise de conteúdo Bardin. Através da análise dos resultados obtidos constatou-se a falta de preparo dos profissionais diante a abordagem familiar causando insegurança e comunicação ineficaz. Almeja com esse resultado contribuir para elaboração de ações norteadoras como capacitações aos enfermeiros referente a abordagem familiar ideal, dando condições e segurança para sua atuação, favorecendo diretamente para o aumento do número de doadores efetivos.

PALAVRAS-CHAVE: Assistência de enfermagem; Cuidados críticos; Transplantes de órgãos.

1 INTRODUÇÃO

Os transplantes de órgãos visam salvar vidas e proporcionar aos pacientes transplantados uma melhor qualidade de vida (SILVA *et al*, 2017). De acordo com o Registro Brasileiro de Transplantes (RBT) de 2019, no Brasil 11.400 pacientes tiveram o diagnóstico de Morte Encefálica (ME), sendo classificados como potenciais doadores (PD), porém, desse total somente 3.768 foram doadores efetivos (RBT, 2019).

Neste contexto é inegável a participação do enfermeiro na equipe, no que diz respeito a administração da assistência de enfermagem prestada aos pacientes com diagnóstico de ME e a sua família, estando diretamente associado a efetiva doação de órgãos (MAGALHÃES *et al*, 2018).

A morte encefálica (ME) e o processo de morrer são assuntos importantes para se esgrimir, porque envolve uma perspectiva humana, o que torna o tema de difícil abordagem e manejo. A definição de ME mais condescende em termos médicos é a cessação total e irreversível das atividades cerebrais, alterações fisiológicas são iniciadas não havendo compensação do organismo para reverter tais alterações (LIMA, *et al*, 2018). Deste modo o paciente tem início aos cuidados intensivos para o diagnóstico e confirmação da ME seguido da manutenção de seus órgãos como sendo um PD.

De acordo com o Observatório Global de Doações e Transplantes (GODT), no ano de 2019, a nível global foram diagnosticados com ME 30.102 doadores, sendo que 9.152 doadores foram do Estados Unidos da América (EUA), em segundo o Brasil com 3.768 doadores, o que possibilitou a realização de 9.232 transplantes de órgãos aqui no país (GODT, 2019). Contudo estes números demonstram a existência de muitas barreiras frente ao processo de doação de órgãos. Uma vez que a lista de espera no país é de 44.309

pacientes ativos de acordo com a Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO, 2021).

Deste modo é relevante que o enfermeiro e toda a equipe de enfermagem desenvolva uma assistência fundamentada, demonstrando conhecimento nos processos fisiopatológicos para um gerenciamento na manutenção do PD e acolhimento familiar deste paciente. A Resolução 292 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), atribui ao profissional enfermeiro, como sendo responsável por acompanhar o potencial doador no seu estado de saúde visando a manutenção dos órgãos, abordagem familiar e todo procedimento técnico (COFEN, 2004).

Dessa forma o problema de pesquisa foi delimitado a partir do seguinte questionamento: Qual a percepção do enfermeiro frente ao paciente com ME e a abordagem familiar na doação de órgãos?

Com isso o objetivo do presente estudo foi compreender a percepção do enfermeiro na abordagem familiar do paciente como potencial doador de órgãos, a fim de cooperar para construção de estratégias de educação permanente que possam agregar conhecimento para atuação do profissional de enfermagem no processo de doação de órgãos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo constitui-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Deste modo, a pesquisa qualitativa exige do pesquisador uma série de informações sobre o tema abordado, ou seja, a abordagem deve ser sistemática e objetiva-se a utilização da vivência do entrevistado. A pesquisa exploratória consiste em explorar um fato ou um fenômeno pouco difundido (Ferreira *et al.*, 2019).

Segundo Bardin (2011), a utilização da abordagem qualitativa nos permite analisar a presença ou ausência de uma determinada característica ou de um conjunto de características em determinada fração de mensagem que é tomada como interesse. Assim, o estudo nos possibilita grande amplitude diante da análise dos dados colhidos, viabilizando a elaboração de novas hipóteses e a avaliação dos indicadores previamente estabelecidos.

A pesquisa foi desenvolvida em um hospital localizado no município do noroeste do Paraná pertencente a mesorregião central do norte paranaense. Os participantes foram os enfermeiros da UTI da entidade pública. Os critérios de inclusão adotados foram a atuação do profissional na assistência direta ao paciente e tempo mínimo de atuação no setor superior a seis meses para a compreensão do processo de trabalho.

A entrevista foi no local de trabalho dos participantes, utilizou um guia de questões dividido em três partes: na primeira com questões sócio demográficos; na segunda sobre conhecimento específico de ME e assistência ao paciente para manutenção dos órgãos; na terceira parte, o conhecimento do enfermeiro acerca da abordagem e assistência a família durante o processo de ME até a possível doação de órgãos. Os dados foram coletados após a aceitação e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) em duas vias de igual teor. Os sujeitos foram identificados através da letra E seguido de números decimais para preservar seu anonimato.

Os dados coletados foram analisados por meio do método de Análise de Conteúdo de Bardin (2010), na qual seguiu a ordem cronológica de três polos, sendo a primeira etapa a pré-análise, que se constitui na fase de organização do material a ser analisado com o intuito de torná-lo ativo, sistematizando as ideias iniciais desenvolvidas pelo pesquisador. A segunda etapa aconteceu por meio da exploração do material, realizando a categorização com classificação dos elementos constitutivos, caracterizados e reagrupados por critérios previamente definidos. A terceira etapa é a interpretação dos resultados por meio da

inferência. O estudo foi aprovado pelo comitê de Ética em pesquisa do Centro Universitário de Maringá – Unicesumar, sob o parecer 46294021.7.0000.5539, em 12 de maio de 2021.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa contou com a participação de 5 enfermeiros que atuam na UTI, todas do sexo feminino, com tempo atuação em média de 10 anos neste setor. No que se refere à religião, quatro afirmaram ser de denominação evangélica e uma católica, em relação ao estado civil, todas declararam estarem casadas.

Com base na análise das entrevistas com foco na assistência à família do potencial doador, podemos compreender o papel imprescindível do enfermeiro nesse processo de abordagem desde o primeiro contato com o familiar, estabelecendo um vínculo baseado na confiança e comunicação assertiva a fim de esclarecer as dúvidas fornecendo informações de forma clara e objetiva. Através da experiência das participantes na abordagem familiar identificamos algumas dificuldades referente a esse processo.

Falta de preparo na abordagem familiar

Através dos relatos dos enfermeiros, foi possível identificar a existência de lacunas na comunicação entre os profissionais e a família do paciente. Sabe-se que a participação da família no processo de doação de órgãos é relevante, uma vez que a mesma tem o poder de condescender a doação efetivando o processo. No entanto para a família existe a falta de conhecimento técnico que clarifique o estado de ME, e isto pode propiciar uma resistência familiar na doação de órgãos. A dificuldade apresentada pelas enfermeiras é caracterizada pela falta de entendimento e compreensão dos familiares do paciente em ME quanto a gravidade e a irreversibilidade do caso.

[...] para você colocar na cabeça da pessoa, que aquele paciente não tem expectativa de vida. As pessoas não entendem, porque está respirando, está vivo, tem pressão porque está vivo. [...] (E1).

Outro ponto citado é a falta de preparo para a abordagem familiar. Apenas uma enfermeira protagonizou a abordagem aos familiares, duas enfermeiras relataram que nunca abordaram e outras duas enfermeiras somente acompanharam a abordagem indiretamente, sendo realizada por outros profissionais.

[...] para abordar eu teria que me preparar um pouco mais, é um assunto um pouco mais delicado. [...] (E1).

Na verdade, eu acompanhei, mas como eu nunca fiz parte da comissão de doação [...]. Sinceramente eu acho uma área muito difícil. (E2).

Em relação a abordagem familiar ideal os enfermeiros enfatizaram o acolhimento familiar de forma humanizada, em ambiente adequado, com engajamento de toda a equipe envolvida na assistência ao paciente desde o primeiro contato da família no ambiente da UTI.

[...] o acolhimento familiar durante a internação deve ser inicial, facilita o acompanhamento para uma possível situação de ME. Isto cria um vínculo entre a equipe e a família, o que propicia uma aceitação maior em uma possível doação de órgãos [...] (E3).

[...] estabelecer um vínculo e confiança entre a família e a equipe para facilitar o processo de aceitação. (E5).

Fica evidente que a falta de preparo traz a insegurança para o profissional realizar a abordagem. Outro ponto levantado é a complexidade do assunto visto também a dificuldade de compreensão dos familiares, tudo isso pode se configurar em uma comunicação não esclarecedora favorecendo a recusa da família para uma possível doação de órgãos.

4 CONCLUSÕES

Os resultados evidenciaram que a abordagem aos familiares do paciente em ME está permeada por implicações no conhecimento prévio a temática, relacionado ao diagnóstico de ME e o processo de doação de órgãos, o que interfere diretamente no processo, uma vez que a família do potencial doador é o elemento primordial para a efetivação do mesmo.

Neste contexto fica claro a necessidade de comprometimento dos gestores em promover ações de educação permanente a estes profissionais, visando capacitação que possibilite aperfeiçoamento garantindo conhecimento, segurança e suporte a equipe, no que compreende os aspectos técnicos, éticos e legais de todo o processo de doação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BRASIL. Associação Brasileira de Transplantes. **Registro brasileiro de transplantes - Pacientes ativos na lista de espera (março-2021)**. Disponível em: <https://site.abto.org.br/publicacoes/rbt/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

BRASIL Associação Brasileira de Transplantes. **Registro Brasileiro de Transplantes - Dimensionamento de Transplantes no Brasil e em cada estado (2012-2019)**. [Acesso 2021 jul. 14]. Disponível em: <http://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://site.abto.org.br/wp-content/uploads/2020/06/RBT-2019-leitura-1.pdf&hl=en>

COFEN- Conselho Federal de Enfermagem. **Resolução COFEN-292/2004**. Normatiza a atuação do Enfermeiro na Captação e Transplante de Órgãos e Tecidos. 07 de junho de 2004. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-2922004_4328.html. Acesso em: 14 jul. 2021.

FERREIRA, N.C.S.; RIBEIRO, L.; MENDONÇA, E.T.; AMARO, M.O.F. Checklist de cirurgia segura: conhecimento e utilização do instrumento na perspectiva dos técnicos de enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro** 2019;9: e2608. DOI: <https://doi.org/10.19175/recom.v9i0.2608>

Global Observatory on Donation and Transplantation. Resumo por país: 2019 report [Internet]. **GODT**; 2019. Disponível: <http://www.transplant-observatory.org/summary/> Acesso em: 14 jul. 2021.

LIMA, C. P; MACHADO, M. A.; Cuidadores Principais Ante a Experiência da Morte: Seus Sentidos e Significados. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. 2018, v. 38, n. 1, pp. 88-101. ISSN 1982-3703. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002642015>. Acesso em: 14 jul. 2021.

MAGALHÃES, A. L. P.; ERDMANNE, A. L.; SOUSA F. G. M.; LANZONI, G. M. M.; SILVA E. L.; MELLO A. L. S. F. Meaning of nursing care to brain dead potential organ donors. **Rev Gaúcha Enferm**, 2018; 39: e2017-0274. DOI: 10.1590/1983-1447.2018.2017-0274. Acesso em: 14 jul. 2021.

SILVA, H. B.; SILVA, K. F.; DIAZ, C. M. G. A Enfermagem Intensivista Frente a Doação de Órgãos: Uma Revisão Integrativa. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental**

Online, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 882–887, 2017. DOI: 10.9789/2175-5361.2017.v9i3.882-887.
Acesso em: 14 jul. 2021.